

GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO QUATRO

O DESPERTAR DA MAGIA



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS



O monte projectava-se por cima do denso emaranhado de floresta, erguendo-se solitário e súbito, deixando ver as suas alturas varridas pelo vento de milhas em redor. Os patrulheiros diziam que os selvagens lhe chamavam Punho dos Primeiros Homens. Jon pensou que *realmente* se parecia com um punho, atravessando a terra e a floresta, com as vertentes nuas e castanhas encimadas por pedra.

Cavalgou até ao topo com o Lorde Mormont e os oficiais, deixando o Fantasma lá em baixo, entre as árvores. O lobo gigante fugira por três vezes enquanto subiam, regressando relutantemente por duas dessas vezes ao som do assobio de Jon. Da terceira, o Senhor Comandante perdera a paciência e exclamara:

— Deixa-o ir, rapaz. Quero alcançar o cume antes do ocaso. Procura o lobo mais tarde.

O caminho era íngreme e pedregoso, e o cume estava coroado com um muro de pedras desprendidas dos rochedos que chegava ao peito. O grupo foi forçado a dar uma larga volta para oeste até encontrar uma brecha suficientemente larga para deixar passar os cavalos.

— Isto é uma boa posição, Thoren — proclamou o Velho Urso quando atingiram por fim o topo. — Dificilmente encontraremos melhor. Faremos aqui o acampamento para esperar pelo Meia-Mão. — O Senhor Comandante saltou da sela, desalojando o corvo do ombro. Queixando-se sonoramente, a ave levantou voo.

A vista do topo do monte era abrangente, mas o que atraiu os olhos de Jon foi o muro circular, as pedras cinzentas desgastadas com as suas manchas brancas de líquenes, as suas barbas de musgo verde. Dizia-se que o Punho tinha sido um forte anelar dos Primeiros Homens, na Idade da Alvorada.

— Um lugar velho e forte — disse Thoren Smallwood.

“*Velho*”, gritou o corvo de Mormont, batendo as asas em círculos ruidosos em volta das cabeças dos homens. “*Velho, velho, velho*”.

— Cala-te — rosou Mormont para a ave. O Velho Urso era demasiado orgulhoso para admitir fraqueza, mas Jon não se deixava enganar. O esforço de acompanhar os homens mais novos estava a cobrar o seu preço.

— Esta elevação será fácil de defender, se for necessário — fez notar

Thoren enquanto levava o cavalo ao longo do anel de pedras, com o vento a agitar-lhe o manto forrado a zibelina.

— Sim, este lugar servirá. — O Velho Urso ergueu uma mão para o vento, e o corvo aterrou-lhe no antebraço, arranhando com as garras a cota de malha negra.

— E a água, senhor? — quis saber Jon.

— Atravessámos um riacho no sopé do monte.

— Uma longa subida para beber água — fez notar Jon — e fora do anel de pedra.

Thoren disse:

— És demasiado preguiçoso para subir um monte, rapaz?

O Lorde Mormont disse:

— Não é provável que encontremos outro sítio tão forte como este. Transportaremos água e assegurar-nos-emos de estar bem abastecidos — e Jon sabia que não devia discutir. E assim a ordem foi dada e os irmãos da Patrulha da Noite montaram o acampamento por trás do anel de pedra que os Primeiros Homens tinham feito. Tendas negras nasceram como cogumelos depois de uma chuvada, e cobertores e colchões de enrolar cobriram o terreno nu. Intendentes ataram os garranos em longas fileiras, e deram-lhes água e alimento. Lenhadores levaram os seus machados até às árvores, à luz da tarde que se escoava, a fim de colher madeira suficiente para a noite. Uma vintena de construtores pôs-se a limpar a vegetação rasteira, a cavar latrinas e a desatar os feixes de estacas endurecidas pelo fogo que tinham trazido.

— Quero ver fosso e estacas em todas as aberturas do muro antes de cair a noite — ordenara o Velho Urso.

Depois de erguer a tenda do Senhor Comandante e de cuidar dos cavalos, Jon Snow desceu o monte em busca do Fantasma. O lobo gigante veio de imediato, num silêncio total. Num momento, Jon caminhava a passos largos por entre as árvores, assobiando e gritando, sozinho na verdura, com pinhas e folhas caídas sob os pés; no seguinte, o grande lobo gigante branco caminhava a seu lado, alvo como a neblina da manhã.

Mas quando chegaram ao forte anelar, Fantasma voltou a mostrar-se renitente. Avançou com cautela para farejar a abertura nas pedras, e depois recuou, como se não tivesse gostado do que cheirara. Jon tentou agarrá-lo pelo cachaço e arrastá-lo à força para dentro do anel, o que não era tarefa fácil; o lobo pesava tanto como ele, e era muito mais forte.

— Fantasma, que se passa contigo? — Não era dele mostrar-se tão perturbado. Por fim, Jon teve de desistir. — Como queiras — disse ao lobo. — Vai, caça. — Os olhos vermelhos ficaram a observá-lo enquanto abria caminho por entre as pedras cobertas de musgo.

Deviam estar ali em segurança. O monte tinha uma posição dominante, e as vertentes norte e oeste formavam precipícios e eram apenas um pouco mais suaves para leste. E no entanto, à medida que o ocaso se aprofundava e a escuridão deslizava pelos espaços vazios entre as árvores, a sensação de mau agouro que Jon trazia cresceu. *Isto é a floresta assombrada*, disse a si próprio. *Talvez haja aqui fantasmas, os espíritos dos Primeiros Homens. Em tempos, este lugar pertenceu-lhes.*

— Pára de agir como um rapaz — murmurou. Trepando para cima das pedras empilhadas, Jon dirigiu o olhar para o Sol poente. Conseguia ver a luz a tremeluzir como ouro martelado na superfície do Guadeleite no ponto em que o rio curvava para sul. A montante, o terreno era mais irregular, com a floresta densa a dar lugar a uma série de montes pedregosos e nus que se erguiam, altos e bravios, para norte e oeste. No horizonte, as montanhas erguiam-se como uma grande sombra, cordilheira após cordilheira a estender-se na distância azul-acinzentada, com os picos recortados perpetuamente revestidos de neve. Mesmo de longe, pareciam vastas, frias e inóspitas.

Mais perto dali, eram as árvores que governavam. Para sul e para leste, a floresta estendia-se até ao horizonte, um vasto emaranhado de raízes e ramos pintado num milhar de tons de verde, com uma mancha de vermelho aqui e ali, onde um represeiro abria caminho por entre os pinheiros e árvores-sentinela, ou uma gota de amarelo nos locais em que algumas árvores de folha caduca tinham começado a mudar de cor. Quando o vento soprou, conseguiu ouvir o estalar e ranger de ramos mais velhos do que ele. Mil folhas esvoaçaram e por um momento a floresta pareceu um mar de um verde profundo, tempestuoso e palpitante, eterno e impossível de conhecer.

Reflectiu que não era provável que o Fantasma estivesse sozinho lá em baixo. Qualquer coisa podia estar em movimento sob aquele mar, rastejando através da escuridão dos bosques na direcção do forte anelar, escondida sob aquelas árvores. *Qualquer coisa*. Como poderiam chegar a saber? Ficou ali por longo tempo, até o Sol desaparecer por trás dos picos serrados das montanhas e a escuridão começar a deslizar pela floresta.

— Jon? — chamou Samwell Tarly. — Bem me parecia seres tu. Estás bem?

— Suficientemente bem. — Jon saltou para baixo. — Como passaste hoje o dia?

— Bem. Passei bem. De verdade.

Jon não ia partilhar as suas inquietações com o amigo, em especial no momento em que Samwell Tarly parecia por fim começar a encontrar a sua coragem.

— O Velho Urso tenciona esperar aqui por Qhorin Meia-Mão e pelos homens vindos da Torre Sombria.

— Parece um sítio forte — disse Sam. — Um forte anelar dos Primeiros Homens. Achas que houve batalhas travadas aqui?

— Sem dúvida que sim. É melhor que prepares uma ave. Mormont vai querer enviar notícias.

— Bem gostava de poder enviá-las a todas. Detestam estar engaioladas.

— Também detestarias, se pudesses voar.

— Se eu pudesse voar, estaria de volta a Castelo Negro, a comer um empadão de porco — disse Sam.

Jon deu-lhe uma palmada no ombro com a mão queimada. Atravessaram juntos o acampamento. Fogueiras para cozinhar eram acesas por todo o lado. Em cima, as estrelas iam aparecendo. A longa cauda vermelha do Archote de Mormont ardia, luminosa como a Lua. Jon ouviu os corvos antes de os ver. Alguns chamavam pelo seu nome. As aves não se acanhavam quando tocava a fazer barulho.

Eles também o sentem.

— É melhor que vá atender ao Velho Urso — disse. — Ele também fica barulhento quando não é alimentado.

Foi encontrar Mormont a conversar com Thoren Smallwood e meia dúzia de outros oficiais.

— Aqui estás tu — disse o velho em tom rabugento. — Traz-nos um pouco de vinho quente, por favor. A noite está gelada.

— Sim, senhor. — Jon acendeu uma fogueira para cozinhar, requisitou aos abastecimentos um casco do tinto encorpado que Mormont preferia e despejou-o numa chaleira. Pendurou-a sobre as chamas enquanto reunia o resto dos ingredientes. O Velho Urso era exigente com o vinho quente condimentado. Tanto de canela, tanto de noz-moscada e tanto de mel, nem uma gota mais. Passas, nozes e bagas secas sim, mas nada de limão, isso era o mais asqueroso tipo de heresia sulista... o que era estranho, uma vez que ele punha sempre limão na cerveja matinal. A bebida devia estar quente para aquecer devidamente um homem, insistia o Senhor Comandante, mas nunca se podia permitir que o vinho começasse a ferver. Jon vigiou a chaleira com olho cuidadoso.

Enquanto trabalhava, conseguia ouvir as vozes que vinham de dentro da tenda. Jarman Buckwell disse:

— O caminho mais fácil para subir os Colmilhos de Gelo é seguindo o Guadeleite até à nascente. Mas se formos por aí, Rayder saberá da nossa aproximação, tão certo como o nascer do Sol.

— A Escada do Gigante pode servir — disse Sor Mallador Locke — ou o Passo dos Guinchos, se estiver limpo.

O vinho fumegava. Jon tirou a chaleira do fogo, encheu oito taças e levou-as para a tenda. O Velho Urso espreitava o mapa rudimentar que Sam desenhara para ele na Fortaleza de Craster. Tirou uma taça do tabuleiro de Jon, experimentou o vinho e fez um aceno brusco de aprovação. O corvo saltou-lhe do braço. “Grão”, disse. “Grão. Grão.”

Sor Ottyn Wythers recusou o vinho com um aceno.

— Eu preferia não entrar de todo nas montanhas — disse numa voz fraca e fatigada. — Os Colmilhos de Gelo mordem cruelmente mesmo de Verão, e agora... se formos apanhados por uma tempestade...

— Não tenciono arriscar os Colmilhos, a menos que tenhamos de o fazer — disse Mormont. — Os selvagens não são mais capazes de viver de neve e pedra do que nós. Irão emergir das alturas em breve, e para qualquer hoste de um tamanho razoável, a única rota possível segue o Guadeleite. Se assim for, temos aqui uma posição forte. Eles não podem esperar passar por nós à socapa.

— Podem não o querer fazer. São milhares, e nós seremos trezentos quando o Meia-Mão nos alcançar. — Sor Mallador aceitou a taça que Jon lhe oferecia.

— Se chegar a haver batalha, não podíamos desejar posição melhor do que esta — declarou Mormont. — Reforçaremos as defesas. Fossos e espigões, estrepes espalhadas pelas vertentes, com todos os ramos preparados. Jarman, quero os teus olhos mais aguçados como vigias. Dispostos em anel, à nossa volta e ao longo do rio, para nos prevenirem de qualquer aproximação. Esconde-os nas árvores. E é melhor começarmos também a trazer água para cima, mais do que a que nos faz falta. Escavaremos cisternas. Isso manterá os homens ocupados, e pode mostrar-se necessário mais tarde.

— Os meus patrulheiros... — começou Thoren Smallwood.

— Os teus patrulheiros limitarão as patrulhas a este lado do rio até que o Meia-Mão nos alcance. Depois disso, veremos. Não perderei mais dos meus homens.

— Mance Ryder pode estar a reunir a sua hoste a um dia de viagem daqui e nunca o saberemos — protestou Smallwood.

— Nós sabemos onde os selvagens se estão a juntar — retorquiu Mormont. — Craster disse-nos. Não gosto do homem, mas não me parece que nos tenha mentido quanto a isso.

— Às vossas ordens. — Smallwood saiu carrancudo. Os outros terminaram o vinho e seguiram-no, com mais cortesia.

— Deverei trazer-vos o jantar, senhor? — perguntou Jon.

“Grão”, gritou o corvo. Mormont não respondeu logo. Quando o fez, disse apenas:

— O teu lobo encontrou caça hoje?
— Ainda não voltou.
— Seria bom termos carne fresca. — Mormont enfiou a mão num saco e ofereceu uma mão-cheia de milho ao corvo. — Achas que faço mal em manter os patrulheiros por perto?
— Isso não me cabe a mim dizer, senhor.
— Cabe, se eu perguntar.
— Se os patrulheiros tiverem de permanecer à vista do Punho, não vejo como podem esperar encontrar o meu tio — admitiu Jon.
— Não podem. — O corvo debicou os grãos da mão do Velho Urso.
— Sejam duzentos homens ou dez mil, esta terra é demasiado vasta. — Desaparecido o milho, Mormont virou a mão.
— Não estais a pensar desistir da busca?
— O Mestre Aemon pensa que és esperto. — Mormont deslocou o corvo para o ombro. A ave inclinou a cabeça para um lado, com os olhinhos a brilhar.

A resposta encontrava-se ali.

— É... parece-me que pode ser mais fácil a um homem encontrar duzentos do que a duzentos encontrarem um.

O corvo soltou um guincho zombeteiro, mas o Velho Urso sorriu por entre o cinzento da barba.

— Todos estes homens e cavalos deixam um rasto que até Aemon seria capaz de seguir. Neste monte, as nossas fogueiras devem ser visíveis até às faldas dos Colmilhos de Gelo. Se Ben Stark estiver vivo e livre, virá ter connosco, não tenho qualquer dúvida.

— Sim — disse Jon — mas... e se...

— ...estiver morto? — perguntou Mormont, num tom que não era desprovido de gentileza.

Jon confirmou relutantemente com a cabeça.

“Morto,” disse o corvo. “Morto. Morto.”

— Poderá vir na mesma ter connosco — disse o Velho Urso. — Como fez Othor, e Jafer Flowers. Temo isso tanto como tu, Jon, mas temos de admitir a possibilidade.

“Morto,” crocitou o corvo, sacudindo as asas. A voz da ave subiu de intensidade e tornou-se mais estridente. “Morto”.

Mormont afagou as penas negras da ave, e abafou um súbito bocejo com as costas da mão.

— Creio que vou dispensar o jantar. O descanso servir-me-á melhor. Acorda-me à primeira luz da aurora.

— Dormi bem, senhor. — Jon recolheu as taças vazias e saiu. Ouviu risos distantes, o som lamentoso de uma gaita. Uma grande fogueira esta-

lejava no centro do acampamento, e conseguia sentir o cheiro do estufado que se encontrava ao lume. O Velho Urso podia não ter fome, mas Jon tinha. Aproximou-se calmamente do fogo.

Dywen discorria, de colher na mão.

— Conheço esta floresta tão bem como qualquer homem vivo, e digo-vos que não quereria percorrê-la sozinho esta noite. Não sentis o cheiro?

Grenn olhava-o de olhos muito abertos, mas o Edd Doloroso disse:

— O cheiro que eu sinto é o da merda de duzentos cavalos. E deste estufado. Que tem um aroma parecido, agora que o cheiro bem.

— Tenho o teu *aroma parecido* mesmo aqui. — Hake deu uma palmadinha na adaga. Resmungando, encheu a tigela de Jon.

O estufado era engrossado com cevada, cenoura e cebola, com um farrapo de carne de vaca salgada aqui e ali, amaciado pela fervura.

— Que é que cheiras, Dywen? — perguntou Grenn.

O lenhador chupou a colher por um momento. Tinha tirado os dentes. Possuía um rosto enrugado semelhante a couro, e mãos nodosas como velhas raízes.

— Parece-me que cheira... bem... a *frio*.

— A tua cabeça é tão feita de madeira como os dentes — disse-lhe Hake. — Não existe cheiro a frio.

Existe, pensou Jon, lembrando-se da noite nos aposentos do Senhor Comandante. *Cheira a morte*. De súbito, deixara de sentir fome. Deu o estufado a Grenn, que parecia precisar de um jantar extra para se aquecer contra a noite.

O vento soprava fresco quando saiu. De manhã, geada cobriria o chão e as cordas das tendas estariam rígidas e congeladas. Alguns dedos de vinho condimentado sacolejavam dentro da chaleira. Jon alimentou a fogueira com madeira fresca e pôs a chaleira sobre as chamas, para voltar a aquecê-la. Flexionou os dedos enquanto esperava, fechando-os e esticando-os até a mão começar a formigar. O primeiro turno de vigia tinha ocupado os seus lugares em volta do perímetro do acampamento. Tremeluziam archotes ao longo da muralha anelar. A noite não tinha Lua, mas mil estrelas brilhavam por cima da sua cabeça.

Um som ergueu-se da escuridão, ténue e distante, mas inconfundível: os uivos de lobos. As suas vozes subiam e desciam, uma canção gelada e solitária. Fazia com que os pêlos na parte de trás do pescoço se lhe eriçassem. Do outro lado da fogueira, um par de olhos vermelhos olhou-o das sombras. A luz das chamas fazia-os cintilar.

— Fantasma — suspirou Jon, surpreendido. — Então afinal entraste, há? — Era frequente que o lobo branco levasse a caçar toda a noite; não

esperara voltar a vê-lo antes do nascer do dia. — A caça foi assim tão má? — perguntou. — Vem cá. A mim, Fantasma.

O lobo gigante deu a volta à fogueira, farejando Jon, farejando o vento, sem nunca ficar quieto. Não parecia desejar carne naquele momento. *Quando os mortos se ergueram, o Fantasma soube. Acordou-me, preveniu-me.* Alarmado, pôs-se em pé.

— Está alguma coisa lá fora? Fantasma, apanhaste um cheiro? — *Dywen disse que cheirava a frio.*

O lobo gigante afastou-se com um salto, parou, olhou para trás. *Ele quer que o siga.* Puxando o capuz do manto para cima, Jon afastou-se das tendas, do calor da sua fogueira, passou pelas fileiras dos pequenos garranos hirsutos. Um dos cavalos relinchou nervosamente quando Fantasma passou perto dele. Jon acalmou-o com uma palavra e fez uma pausa para lhe afagar o focinho. Conseguiu ouvir o vento a assobiar através das fendas entre as pedras quando se aproximaram do muro circular. Uma voz proferiu um desafio. Jon saiu para a luz do archote.

— Tenho de ir buscar água para o Senhor Comandante.

— Então vai — disse o guarda. — E despacha-te. — Aninhado no interior do manto branco, com o capuz erguido contra o vento, o homem nem olhou para ele para ver se trazia um balde.

Jon deslizou de lado entre duas estacas aguçadas, enquanto Fantasma se esgueirava por baixo delas. Um archote tinha sido atirado para dentro de uma fenda, e as suas chamas eram como bandeiras de um tom claro de laranja quando as rajadas de vento sopravam. Jon pegou nele enquanto se encolhia pela fenda entre as pedras. Fantasma desceu o monte a correr. Jon seguiu-o mais devagar, com o archote erguido à frente enquanto ia descendo. Os sons do acampamento desvaneceram-se nas suas costas. A noite estava negra, e a encosta era íngreme, pedregosa e irregular. Uma desatenção momentânea seria uma maneira segura de partir um tornozelo... ou o pescoço. *Que estou eu a fazer?*, perguntou a si próprio enquanto procurava o caminho.

As árvores erguiam-se por baixo, guerreiros com armaduras de casca e folha, alinhados nas suas fileiras silenciosas à espera da ordem de atacar o monte. Pareciam negras... era só quando a luz do archote por elas raspava que Jon vislumbrava um clarão de verde. Tenuemente, ouvia o som de água a fluir sobre rochas. O Fantasma desapareceu na vegetação rasteira. Jon lutou para o seguir, escutando o chamado do riacho, os suspiros das folhas ao vento. Raminhos agarraram-se-lhe ao manto, enquanto por cima da sua cabeça ramos mais grossos se entrelaçavam e escondiam as estrelas.

Encontrou Fantasma a beber do riacho

— *Fantasma* — chamou — a mim. *Já.* — Quando o lobo gigante er-

gheu a cabeça, os seus olhos brilharam, vermelhos e sinistros, e água escorreu das suas mandíbulas como saliva. Havia nele naquele instante algo de feroz e terrível. E então partiu, passando por Jon aos saltos, correndo através das árvores. — Fantasma, *não*, fica — gritou, mas o lobo não lhe prestou atenção. A esguia silhueta branca foi engolida pela escuridão, e Jon ficou apenas com duas possibilidades... voltar a subir o monte, sozinho, ou segui-lo.

Seguiu-o, zangado, segurando o archote em baixo para conseguir ver as pedras que ameaçavam fazê-lo tropeçar a cada passo, as espessas raízes que pareciam agarrar-se aos seus pés, os buracos onde um homem podia torcer um tornozelo. A cada par de metros voltava a chamar por Fantasma, mas o vento nocturno rodopiava por entre as árvores e bebia as palavras. *Isto é uma loucura*, pensou enquanto mergulhava mais profundamente nas árvores. Estava quase a voltar para trás quando vislumbrou um clarão branco mais à frente e à direita, na direcção do monte. Correu atrás dele, praguejando em surdina.

Perseguiu o lobo ao longo de um quarto de volta em redor do Punho antes de o voltar a perder de vista. Por fim, parou para recuperar o fôlego por entre os arbustos, espinheiros e pedras tombadas no sopé do monte. Para lá da luz do archote, a escuridão apertava-se.

Um som suave de esgravatar fê-lo virar-se. Dirigiu-se ao som, pondo os pés com cuidado entre pedregulhos e espinheiros. Atrás de uma árvore caída, voltou a encontrar o Fantasma. O lobo gigante cavava furiosamente, arremessando terra para todos os lados.

— Que encontraste? — Jon baixou o archote, revelando um montículo arredondado de terra mole. *Uma sepultura*, pensou. *Mas de quem?*

Ajoelhou-se e espetou o archote na terra a seu lado. O solo era solto, arenoso. Jon apanhou-o às mãos-cheias. Não havia pedras nem raízes. O que quer que ali estivesse tinha sido lá colocado recentemente. Meio metro mais abaixo, os dedos tocaram em tecido. Esperara encontrar um cadáver, temera encontrar um cadáver, mas isto era outra coisa. Fez força contra o tecido e sentiu por baixo formas pequenas e duras, que não cediam. Não havia nenhum cheiro, nenhum sinal de vermes. O Fantasma recuou e sentou-se, observando.

Jon sacudiu o solo solto para revelar uma trouxa arredondada com cerca de meio metro de diâmetro. Enfiou os dedos ao longo da periferia e conseguiu soltá-la. Quando a puxou, o que quer que estivesse lá dentro deslocou-se e tiniu. *Um tesouro*, pensou, mas as formas eram erradas para se tratar de moedas, e o *som* era errado para metal.

Um bocado de corda gasta atava a trouxa. Jon desembainhou o punhal e cortou-a, procurou às apalpadelas as extremidades do tecido e pu-

xou. A trouxa virou-se, e o seu conteúdo espalhou-se no chão, cintilando, escuro e brilhante. Viu uma dúzia de facas, pontas de lança em forma de folha, numerosas pontas de seta. Jon pegou numa lâmina de punhal, leve como uma pena e de um negro brilhante, sem cabo. A luz do archote correu ao longo do seu gume, uma fina linha cor-de-laranja que falava de algo afiado como uma navalha. *Vidro de dragão. Aquilo a que os mestres chamam obsidiana.* Teria o Fantasma descoberto algum antigo esconderijo dos filhos da floresta, ali enterrado durante milhares de anos? O Punho dos Primeiros Homens era um lugar antigo, mas...

Por baixo do vidro de dragão estava um velho corno de guerra, feito de um corno de auroque e ligado com bronze. Jon sacudiu-o e um rio de pontas de seta jorrou lá de dentro. Deixou-as cair, e puxou por um canto do pano em que as armas tinham sido envolvidas, esfregando-o entre os dedos. *Boa lâ, espessa, de malha dupla, húmida mas não apodrecida.* Não podia ter ficado muito tempo no chão. E era *escura*. Agarrou numa mão-cheia e aproximou-a do archote. *Escuro, não. Negra.*

Mesmo antes de Jon se pôr em pé e sacudir o que tinha na mão, sabia o que era: o manto negro de um Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite.

Alebelly foi encontrá-lo na forja, a trabalhar nos foles para Mikken.

— O Mestre quer-vos no torreão, s'nhor príncipe. Chegou uma ave do rei.

— De Robb? — Excitado, Bran não esperou por Hodor, e deixou que Alebelly subisse os degraus levando-o ao colo. Era um homem grande, embora não tão grande como Hodor e nem de longe tão forte. Quando chegaram ao torreão do Mestre, tinha a cara vermelha e arquejava. Rickon chegara antes deles, e ambos os Walder Frey também.

O Mestre Luwin mandou embora Alebelly e fechou a porta.

— Senhores — disse em tom grave —, recebemos uma mensagem de Sua Graça, com boas e más notícias. Consegui uma grande vitória no Oeste, desbaratando um exército Lannister num lugar chamado Cruzaboi, e tomou também vários castelos. Escreve-nos de Cinzamarca, anteriormente o castro da Casa Marbrand.

Rickon puxou pela toga do Mestre.

— Robb vem para casa?

— Temo que ainda não. Ainda há batalhas a travar.

— Foi o Lorde Tywin que ele derrotou? — perguntou Bran.

— Não — disse o Mestre. — Quem comandava a hoste inimiga era Sor Stafford Lannister. Foi morto na batalha.

Bran nunca tinha ouvido falar de Sor Stafford Lannister. Deu por si a concordar com o Grande Walder quando ele disse:

— O Lorde Tywin é o único que importa.

— Dizei a Robb que quero que venha para casa — disse Rickon. — Também pode trazer o lobo dele, e a mãe e o pai. — Embora soubesse que Lorde Eddard estava morto, por vezes Rickon esquecia-se... e Bran suspeitava que o fazia de propósito. O irmão mais novo era teimoso como só um rapaz de quatro anos sabia ser.

Bran sentia-se contente pela vitória de Robb, mas também inquieto. Lembrou-se do que Osha dissera no dia em que o irmão saíra de Winterfell à frente do seu exército. *Ele marcha na direcção errada*, insistira a selvagem.

— Infelizmente, não há vitória que não tenha o seu preço. — O Mestre Luwin virou-se para os Walder. — Senhores, o vosso tio, Sor Stevron Frey, está entre aqueles que perderam a vida em Cruzaboi. Robb escreve

que foi ferido na batalha. Não se pensava que fosse coisa séria, mas três dias mais tarde morreu na tenda enquanto dormia.

O Grande Walder encolheu os ombros.

— Era muito velho. Sessenta e cinco anos, acho eu. Velho de mais para batalhas. Andava sempre a dizer que estava cansado.

O Pequeno Walder soltou um assobio.

— Cansado de esperar que o nosso avô morra, queres tu dizer. Isso significa que Sor Emmon é agora o herdeiro?

— Não sejas estúpido — disse o primo. — Os filhos do primogénito vêm antes do segundo filho. O seguinte na linha de sucessão é Sor Ryman, e depois Edwyn e o Walder Negro e Petyr Borbulha. E depois Aegon e todos os filhos *dele*.

— Ryman também é velho — disse o Pequeno Walder. — Já passa dos quarenta, aposto. E tem uma barriga má. Achas que ele será senhor?

— *Eu* serei senhor. Não me interessa se ele é ou não.

O Mestre Luwin interrompeu vivamente.

— Devíeis ter vergonha dessa conversa, senhores. Onde está o vosso desgosto? O vosso tio está morto.

— Sim — disse o Pequeno Walder. — Estamos muito tristes.

Mas não estavam. Bran sentiu uma sensação de agonia na barriga. *Gostam mais do sabor deste prato do que eu*. Pediu ao Mestre Luwin licença para se retirar.

— Muito bem. — O Mestre fez soar a sineta para que a ajuda viesse. Hodor devia estar ocupado nos estábulos. Foi Osha quem veio. Mas a mulher era mais forte do que Alebelly, e não teve problemas em erguer Bran nos braços e em levá-lo pelos degraus abaixo.

— Osha — perguntou Bran enquanto atravessavam o pátio. — Conhecês o caminho para Norte? Até à Muralha e... e mesmo para lá dela?

— O caminho é simples. Procura-se o Dragão de Gelo e segue-se a estrela azul no olho do cavaleiro. — Atravessou uma porta às arrecuas e começou a subir os degraus em espiral.

— E ainda há lá gigantes, e... o resto... os Outros, e também os filhos da floresta?

— Gigantes, vi-os, dos filhos ouvi contar histórias, e os caminhantes brancos... porque queres saber?

— Alguma vez viste um corvo com três olhos?

— Não. — Ela riu-se. — E não posso dizer que o queira ver. — Osha abriu a porta do quarto de Bran com um pontapé e pousou-o no banco de janela, de onde podia observar o pátio, lá em baixo.

Pareceu não se passar mais do que alguns instantes antes de a porta

se voltar a abrir e Jojen Reed entrar sem ser convidado, com a irmã Meera logo atrás.

— Ouviste falar da ave? — perguntou Bran. — Não foi um jantar, como disseste. Foi uma carta de Robb, e não a comemos, mas...

— Os sonhos verdes tomam estranhas formas, por vezes — admitiu Jojen. — A verdade que contém nem sempre é fácil de compreender.

— Conta-me a coisa má que sonhaste — disse Bran. — A coisa má que vem a caminho de Winterfell.

— O senhor meu príncipe acredita agora em mim? Irá confiar nas minhas palavras, por mais estranhas que pareçam aos seus ouvidos?

Bran confirmou com um aceno.

— O que vem a caminho é o mar.

— O *mar*?

— Sonhei que o mar ondulava em redor de Winterfell. Vi ondas negras a esmagar-se contra os portões e torres, e depois a água salgada entrou por cima das muralhas e encheu o castelo. Homens afogados flutuavam no pátio. Quando sonhei o sonho pela primeira vez, ainda na Água Cinzenta, não lhes conhecia os rostos, mas agora conheço. Aquele Alebelly é um deles, o guarda que gritou os nossos nomes no banquete. O vosso septão é outro. O ferreiro também.

— Mikken? — Bran sentia-se tão confuso como consternado. — Mas o mar fica a centenas e centenas de milhas daqui, e as muralhas de Winterfell são tão altas que a água não poderia entrar, mesmo se viesse.

— Na noite cerrada, o mar salgado fluirá sobre essas muralhas — disse Jojen. — Vi os mortos, inchados e afogados.

— Temos de lhes dizer — disse Bran. — A Alebelly, a Mikken e ao Septão Chayle. Dizer-lhes para não se afogarem.

— Isso não os salvará — respondeu o rapaz vestido de verde.

Meera veio até ao banco de janela e pousou-lhe uma mão no ombro.

— Eles não acreditarão, Bran. Não acreditarão mais do que tu.

Jojen sentou-se na cama de Bran.

— Contai-me o que *vós* sonhais.

Bran sentia-se assustado, mesmo então, mas tinha jurado confiar neles, e um Stark de Winterfell mantém a palavra dada.

— Há vários tipos de sonhos — disse lentamente. — Há os sonhos de lobo, esses não são tão maus como os outros. Corro, caço e mato esquilos. E há sonhos em que o corvo vem e me diz para voar. Por vezes, a árvore também está nesses sonhos, a chamar pelo meu nome. Isso assusta-me. Mas os piores sonhos são quando caio. — Olhou para baixo, para o pátio, sentindo-se infeliz. — Antes nunca caía. Quando trepava. Ia a todo o lado, pelos telhados e ao longo das paredes, costumava alimentar os corvos na

Torre Queimada. A mãe tinha medo que eu caísse, mas eu sabia que nunca cairia. Só que caí, e agora quando durmo, caio sempre.

Meera deu-lhe um apertão no ombro.

— É tudo?

— Acho que sim.

— *Warg* — disse Jojen Reed.

Bran olhou-o, com os olhos dilatados.

— O quê?

— *Warg*. Transmorfo. Lobisomem. É o que vos chamarão, se alguma vez ouvirem falar dos sonhos de lobo.

Os nomes deixaram-no de novo com medo.

— *Quem* me chamará isso?

— O vosso próprio povo. Com medo. Alguns odiar-vos-ão se souberem o que sois. Alguns tentarão mesmo matar-vos.

A Velha Ama contava por vezes histórias assustadoras sobre lobisomens e transmorfos. Nas histórias eram sempre malignos.

— Eu não sou assim — disse Bran. — *Não* sou. São só sonhos.

— Os sonhos de lobo não são verdadeiros sonhos. Tendes o olho bem fechado sempre que estais acordado, mas, quando adormeceis, ele abre-se e a vossa alma procura a sua outra metade. O poder é forte em vós.

— Não o quero. Quero ser um *cavaleiro*.

— Um cavaleiro é o que quereis ser. Um *warg* é o que sois. Não podeis mudar isso, Bran, não podeis negá-lo ou empurrá-lo para longe. Sois o lobo alado, mas nunca voareis. — Jojen ergueu-se e caminhou até à janela. — A menos que *abraís o vosso olho*. — Juntou dois dedos e bateu na testa de Bran, com força.

Quando levou a mão ao local, Bran sentiu apenas a pele lisa e contínua. Não havia nenhum olho, nem mesmo um olho fechado.

— Como posso eu abri-lo se não está lá?

— Nunca encontrareis o olho com os dedos, Bran. Tendes de procurá-lo com o coração. — Jojen estudou o rosto de Bran com aqueles estranhos olhos verdes. — Ou será que tendes medo?

— O Mestre Luwin diz que não existe nada nos sonhos que um homem deva temer.

— Existe, sim — disse Jojen.

— O quê?

— O passado. O futuro. A verdade.

Deixaram-no mais desorientado do que nunca. Quando ficou sozinho, Bran tentou abrir o terceiro olho, mas não sabia como. Por mais que enrugasse a testa e espetasse nela os dedos, não via de modo diferente do que antes. Nos dias que se seguiram, tentou prevenir os outros acerca do

que Jojen dissera, mas as coisas não correram como pretendia. Mikken achou a história engraçada.

— O mar, é? Ora acontece que sempre quis ver o mar. Mas nunca fui onde pudesse fazer isso. Então ele vem ter comigo, é? Os deuses são bons, para se incomodarem tanto com um pobre ferreiro.

— Os deuses levar-me-ão quando acharem por bem fazê-lo — disse calmamente o Septão Chayle — embora pense ser pouco provável que me afogue, Bran. Cresci nas margens do Faca Branca, sabeis? Sou bastante bom nadador.

O Alebelly foi o único que prestou alguma atenção ao aviso. Foi falar com Jojen, e depois deixou de tomar banho e recusou-se a aproximar-se do poço. Por fim, ficou tão malcheiroso que os outros guardas o atiraram para dentro de uma banheira de água a esquentar e o esfregaram até ficar com a pele em carne viva enquanto ele gritava que o iam afogar como o rapaz-rã tinha dito. Depois daquilo começou a franzir o sobrolho sempre que via Bran ou Jojen no castelo, e resmungava em surdina.

Foi alguns dias depois do banho de Alebelly que Sor Rodrik regressou a Winterfell com o prisioneiro, um jovem carnudo com lábios gordos e húmidos e cabelo longo que cheirava como uma latrina, ainda pior do que Alebelly.

— Chamam-lhe Cheirete — disse Hayhead quando Bran perguntou quem era. — Nunca ouvi o seu nome verdadeiro. Servia o Bastardo de Bolton e ajudou-o a assassinar a Senhora Hornwood, segundo dizem.

Naquela noite, ao jantar, Bran soube que o próprio bastardo estava morto. Os homens de Sor Rodrik tinham-no apanhado nas terras dos Hornwood a fazer qualquer coisa de horrível (Bran não tinha bem a certeza o quê, mas parecia ser algo que se fazia sem roupas) e tinham-no abatido com setas quando tentara escapar. Mas tinham chegado tarde de mais para a própria Senhora Hornwood. Depois do casamento, o Bastardo trancara-a numa torre e negligenciara a sua alimentação. Bran ouvira homens dizer que, quando Sor Rodrik arrombara a porta, a encontrara com a boca ensanguentada e os dedos arrancados à dentada.

— O monstro deixou-nos um nó cheio de espinhos — disse o velho cavaleiro ao Mestre Luwin. — Quisesse ou não, a Senhora Hornwood era sua esposa. Obrigou-a a proferir os votos junto quer dum septão quer duma árvore-coração, e deitou-se com ela nessa mesma noite, perante testemunhas. Ela assinou um testamento nomeando-o herdeiro e afixou-lhe o seu selo.

— Votos proferidos sob a ameaça de uma espada não são válidos — contestou o Mestre.

— Roose Bolton pode não concordar. Em especial quando há terras

em questão. — Sor Rodrik fez uma expressão infeliz. — Gostaria de ter cortado também a cabeça deste criado, ele é tão mau como o seu senhor. Mas temo que tenhamos de o manter vivo até que Robb regresse das suas guerras. É a única testemunha dos piores crimes do bastardo. Talvez que quando o Lorde Bolton ouça a sua história abandone a pretensão, mas entretanto temos cavaleiros Manderly e homens do Forte do Pavor a matar-se uns aos outros nas florestas dos Hornwood, e faltam-me as forças para os obrigar a parar. — O velho cavaleiro virou-se na cadeira e deitou a Bran um olhar severo. — E que tendes andado a fazer enquanto eu estive fora, senhor meu príncipe? Ordenando aos nossos guardas que não se lavem? Quereis que cheirem como este Cheirete, é isso?

— O mar está a vir até aqui — disse Bran. — Jojen viu-o num sonho verde. Alebelly vai afogar-se.

O Mestre Luwin puxou pela sua corrente.

— O rapaz Reed crê que vê o futuro nos sonhos, Sor Rodrik. Conversei com Bran sobre a incerteza de tais profecias, mas em boa verdade há problemas ao longo da Costa Pedregosa. Corsários em dracares, a saquear aldeias de pescadores. Violando e queimando. Leobald Tallhart enviou o sobrinho Benfred para lidar com eles, mas suponho que embarcarão nos seus navios e fugirão assim que virem homens com armaduras.

— Pois, para atacar noutra sítio qualquer. Que os Outros levem todos esses cobardes. Nunca se atreveriam, tal como o Bastardo de Bolton, se a nossa força principal não estivesse a mil léguas para sul. — Sor Rodrik olhou para Bran. — Que mais vos disse o rapaz?

— Disse que a água fluiria sobre as muralhas. Viu Alebelly afogado, e também Mikken e o Septão Chayle.

Sor Rodrik franziu o sobrolho.

— Bem, assim sendo, caso tenha de avançar em pessoa contra esses corsários, não levarei o Alebelly. Ele não me viu a *mim* afogado, pois não? Não? Ótimo.

Ouvir aquilo encorajou Bran. *Assim eles talvez não se afoguem*, pensou. *Se ficarem longe do mar.*

Meera achou o mesmo, mais tarde naquela noite quando ela e Jojen se encontraram com Bran no seu quarto para jogar um jogo de pedras a três, mas o irmão abanou a cabeça.

— As coisas que vejo nos sonhos verdes não podem ser alteradas.

Aquilo irritou a irmã.

— Porque haveriam os deuses de enviar um aviso se não lhe podermos prestar atenção e mudar o que está para vir?

— Não sei — disse Jojen em voz triste.

— Se fosses o Alebelly, provavelmente atirar-te-ias a um poço para resolver o assunto! Devíamos *lutar*, e Bran também.

— Eu? — Bran sentiu-se de súbito com medo. — Com o que devia eu lutar? Também me vou afogar?

Meera olhou-o com um ar de culpa.

— Eu não devia ter dito...

Bran percebeu que ela estava a esconder alguma coisa.

— Viste-me num sonho verde? — perguntou nervosamente a Jojen.
— Estava afogado?

— Afogado, não. — Jojen falava como se cada palavra lhe doesse.

— Sonhei com o homem que chegou hoje, aquele a quem chamam Cheirete. Vós e o vosso irmão jazíeis mortos a seus pés e ele estava a esfolar as vossas caras com uma longa lâmina vermelha.

Meera pôs-se em pé.

— Se eu fosse à masmorra, podia enfiar-lhe uma lança no coração. Como poderia ele assassinar Bran se estivesse morto?

— Os carcereiros impedir-te-iam — disse Jojen. — Os guardas. E se lhes disseses o motivo por que o querias morto, nunca acreditariam.

— Eu também tenho guardas — lembrou-lhes Bran. — O Alebelly, o Poxy Tym, o Hayhead e os outros.

Os olhos de musgo de Jojen estavam cheios de piedade.

— Eles não serão capazes de o impedir, Bran. Não consegui ver porquê, mas vi o fim. Vi-vos e a Rickon na vossa cripta, lá em baixo, no escuro, com todos os reis mortos e os seus lobos de pedra.

Não, pensou Bran. *Não*.

— Se eu me fosse embora... para a Água Cinzenta, ou para o Corvo, para algum lugar distante onde não consigam encontrar-me...

— Não fará diferença. O sonho era verde, Bran, e os sonhos verdes não mentem.